

III. GUERRAS NA PERIFERIA SOVIÉTICA

As forças convencionais da União Soviética, assim como as suas forças nucleares, representam um poderio pavoroso. Nenhum ponto na periferia do país é verdadeiramente ameaçado pela invasão. Em vários pontos à volta da periferia a URSS e os seus satélites poderiam, com toda a plausibilidade, esperar ganhar guerras convencionais e ocupar o território de outros países. As perspectivas dos seus vizinhos em qualquer dessas guerras variariam com os seus anteriores esforços de defesa, com os seus laços de aliança (especialmente com os Estados Unidos) e com as diferenças geográficas.

Os vizinhos soviéticos no Extremo Oriente estão, de certa maneira, melhores. Japão é favorecido pela geografia (e também ajudado pela modéstia relativa das capacidades soviéticas em materiais anfíbios de guerra). A República da Coreia é fortemente defendida e a sua capacidade para resistir ataques convencionais da Coreia do Norte deve aumentar; Mas a defesa da Coreia do Sul terá de ser conseguida sob a sombra de possível intervenção soviética. A assistência dos USA continuará a ser requerida para dissuadir essa intervenção externa em apoio de um ataque da Coreia do Norte.

Noutros pontos na periferia, a balança convencional continua a favorecer as forças soviéticas. Estariam favorecidas num ataque por exemplo na China setentrional ou num ataque-limitado às áreas nórdicas da Europa. Um amplo ataque na Europa Ocidental seria mais problemático, mas aí também a balança das forças convencionais favorece a União Soviética. Seria mais a favor dos soviéticos se eles atacassem na área do Golfo Pérsico.

Assume-se algumas vezes que a União Soviética não atacaria nunca a região do Golfo sómente sem envolver a

Europa. Esta assunção é injustificada.

Assume-se algumas vezes que a União Soviética nunca atacaria na região do Golfo sómente - que qualquer ataque deste tipo seria seguramente parte de um assalto mais amplo na Europa ou que atingiria ali inevitavelmente. Esta assunção é injustificada. A turbulência da região, a importância do seu petróleo para os países ocidentais no futuro previsível, as severas limitações de forças para contrabalançar na região - todos esses factores se combinam para tornar plausível que os dirigentes soviéticos possam aproveitar uma oportunidade para intervir - por exemplo, aproveitando "um convite" para apoiar um novo regime revolucionário. O êxito daria uma grande vantagem económica e geoestratégica à União Soviética e daria possivelmente um golpe decisivo à unidade da aliança ocidental. Tanto a história como o senso comum sugerem que, se realmente eles atacarem, os soviéticos tentariam limitar a guerra a um ou a poucos estados do Golfo, onde as suas vantagens estratégicas são maiores. Os soviéticos não tem atacado, no passado, todos os seus objectivos ao mesmo tempo; em 1939 atacaram a Polónia; depois ocuparam os estados do Baltico, depois atacaram a Finlândia; e Estaline terminou o bloqueio de Berlim antes do ataque da Coreia do Norte, apoiado pelos soviéticos, contra a Coreia do Sul.

A capacidade do Ocidente de fazer face às ameaças na área do Golfo têm diminuído substancialmente desde os anos 50, mesmo enquanto a importância estratégica da área veio crescendo. Há trinta anos, os Estados Unidos e a Inglaterra poderiam responder a uma crise ali com um poderio irresistível. Um amplo consenso no seio da Aliança, combinado com a nossa elevada capacidade aérea e acesso às bases na região e ao longo dessa área, capacitar-nos-ia a fazer chegar aí as nossas forças (a maior parte das quais da Europa) muito antes da chegada das forças soviéticas. As suas capacidades de movimentar as tropas por aviões eram então relativamente primitivas e aos seus aviões era normalmente recusado o direito de sobrevoar o Irão e outros países na região.

Nos meados dos anos 50, os Estados Unidos tinham acesso à bases e direitos de sobrevoos que lhe permitiam enviar forças rapidamente da Europa para o Golfo Pérsico ou outras áreas próximas enquanto que a capacidade aérea soviética para o próximo Oriente e a Ásia meridional não era viável.

(ver o mapa na página 24 do texto inglês)

Numa crise hoje, a situação seria bastante diferente. Os soviéticos têm investido grandemente numa infra-estrutura que lhes permite movimentar forças de um lado para outro dentro do seu país. Os aviões são muitíssimo mais capazes do que no passado; hoje, além disso, a maior parte dos países na região dificilmente recusariam sobrevoos soviéticos. Se permanecerem no Afeganistão, as forças soviéticas estarão, ^{em} qualquer caso, muito mais próximas do Golfo. Entretanto, as forças disponíveis da Aliança estão muito mais longe. Elas estariam a vir da América do Norte e iriam reabastecimento e locais de aterragem ao longo do percurso. Contudo, algumas das bases mais úteis em quaisquer dessas operações (na Espanha e nos Açores) poderiam ser ^{de}novas postas em perigo por controvérsias acerca do acesso dos USA.

Nem todas as tendências são desfavoráveis. Nos últimos sete anos a capacidade aérea e marítima dos Estados Unidos aumentou, aproximadamente em 50%. Há formas para nós aproveitarmos esta melhoria e aumentar a nossa capacidade de defender o Golfo, contudo a defesa dependerá grandemente de nós termos poderio aéreo substancial na região. Ter bases próximas do Golfo aumentará a nossa capacidade para concentrar forças aéreas táticas para além daquelas que poderiam ser, fornecidas a partir dos nossos porta aviões. O poderio aéreo americano

corresponde de facto a uma tremenda ameaça às tropas soviéticas, invadindo um estado do Golfo, que seriam necessariamente concentrados em vários pontos no Irão, Afeganistão ou nas suas bases na Transca cá sia.

Hoje, o acesso a aeródromos e ao espaço aéreo mudou radicalmente. Os Estados Unidos têm de utilizar a movimentação aérea intercontinen tal para enviar as suas forças de infantaria para o Golfo, mas é incerto um lugar de aterragem no per curso. A União Soviética pode movi mentar forças por via aérea rápida mente a partir de lugares próximos sem necessidade de aterragens ou de abastecimentos. Mesmo aliados dos Estados Unidos, como Turquia; têm algumas vezes permitido que a União Soviética atravessasse o seu es paço aéreo para reabastecer estados clientes numa situação de crise.

(Ver mapa na página 25 do texto inglês).

A presente estratégia reconhece o potencial do nosso pode rio aéreo mas obriga-nos a depender de uma perspectiva incerta: que se um ataque parecer iminente poderíamos então conseguir as bases de que necessitamos. Mas sinais de um ataque e a assustadora atmosfera de cri se que presumivelmente o acompanha, poderiam tornar os nossos aliados mais relutantes do que nunca a pedir a nossa intervenção. O nosso prin cipal problema, então, é que para além das unidades baseadas nos porta-aviões^{de as} de longo alcance, baseadas em terra, nós não temos assegurado o acesso oportuno para o nosso poderio aéreo. O desafio será conseguir algum.

Turquia um membro da Nato, fica junto da principal área militar soviética que ameaça a região. Edificar as possibilidades de defesa da Turquia principalmente as ^{de}defesa aérea, lançaria uma forte sombra sobre qualquer planificação soviética para operações na região do Golfo. Os outros aliados da Nato, ao demonstrar claramente aptidão e determinação para resistir a um ataque soviético na Turquia poderão agudizar mais este dilema soviético.

O perigo que nós temos de enfrentar na região é que a União Soviética será capaz de colocar enormes forças no terreno rapidamente, antes que tenhamos a possibilidade de as bloquear.

Além do mais, deveríamos continuar a encorajar outros amigos ali - Arabia Saudita por exemplo a ajudar a melhorar o acesso dos USA e a tornar as bases disponíveis em situações de emergência, para a única potência que é capaz de os defender. Progresso considerável tem sido feito ao longo destas linhas nos últimos anos, mas é necessário mais. O perigo que nós enfrentarmos na região é que a União Soviética será capaz de colocar enormes forças no terreno rapidamente, antes que tenhamos a possibilidade de as bloquear.

No Golfo e noutros locais, a União Soviética preferirá de uma maneira geral limitar as suas operações a uma região na qual ela pode ganhar ^{quanto} que minimiza o risco de uma guerra mais alargada. Os Estados Unidos não devem querer combater somente no momento e no lugar escolhido pelo inimigo. Devemos planear tanto para defender na região atacada, com a defesa incluindo profundos ataques aéreos convencionais e mísseis, como para conduzir operações navais noutros locais. Por outro lado, não devemos planear na assunção de que qualquer conflito com os Soviéticos tornar-se-á necessariamente mundial ou nuclear. Nem devemos assumir que temos de defender tudo simultaneamente.